

OS LEITORES LACUNARES DE *DOM CASMURRO*

Hélio Guimarães
Facamp

O leitor, muitas vezes nomeado como tal, é figura recorrente e fundamental na ficção machadiana, figura com a qual os narradores machadianos estão em constante “tuteio”, para lembrar o termo que Augusto Meyer usou para se referir ao fenômeno. De fato, se é verdade que a relação entre narrador e leitor fica mais estridente com o destempero e as má-criações de Brás Cubas, ela não é exclusiva dos romances posteriores a *Iaiá Garcia*. Pelo contrário, ela perpassa toda a produção ficcional do escritor, já que o embate com o leitor é parte importante do processo narrativo desde *Ressurreição*, o primeiro romance, publicado em 1872, até o *Memorial de Aires*, de 1908.

Minha hipótese é de que esse longo e constante atrito dos narradores com os leitores figurados nos diferentes romances contém informações sobre as condições de circulação e recepção da obra machadiana no momento de sua publicação e pode ser melhor entendido a partir do conhecimento dos hábitos de leitura, gostos e expectativas dos leitores no Brasil oitocentista. Um corolário dessa hipótese é que a relação entre os narradores machadianos com seus interlocutores ficcionalizados traz inscritas informações sobre as expectativas de Machado de Assis com seu público leitor, que compreende tanto os leitores desejados pelo escritor quanto os leitores empíricos de sua obra.

A interpelação direta do leitor, recurso retórico popularizado pelo romantismo, ganha expressividade e especificidade na produção machadiana, na medida em que o leitor figurado nos romances passa a ser figurado como problema, refletindo a percepção do escritor Machado de Assis sobre as condições de circulação e recepção de sua obra e chamando a atenção não só para as

dificuldades comunicacionais do romance brasileiro oitocentista, mas da produção literária moderna de uma maneira geral.

Nesse processo de problematização do leitor e das possibilidades da comunicação literária, *Dom Casmurro* corresponde ao momento em que pela primeira vez na obra machadiana o leitor é explicitamente convocado a participar do processo literário na condição de *intérprete* e co-autor do relato, uma vez que ele é encorajado a tirar conclusões, fazer julgamentos e completar lacunas deixadas pelo narrador/autor. Enquanto em *Brás Cubas* e *Quincas Borba* o tom jocoso da narração convida ao distanciamento em relação aos fatos narrados, em *Dom Casmurro* o tom nostálgico e melancólico apela à empatia do interlocutor. Diferentemente do que ocorre nos dois romances anteriores, as objeções ao leitor desta vez não se manifestam pelo confronto direto, pela contraposição agressiva, pelo que John Gledson chamou de “táticas de choque”¹ do narrador, mas aparecem incorporadas ao modo radicalmente ambíguo do relato.

É como se em *Dom Casmurro* a tessitura do texto se alargasse e as fissuras construíssem um espaço, digamos, interno, capaz de abrigar e incentivar leituras discordantes – ou até mesmo contraditórias. O resultado é um texto esgarçado com reticências, como diz o narrador a certa altura, e também com contradições, omissões, emendas, lacunas. Ao leitor um tanto ridículo e voluntarioso projetado tanto por Brás Cubas quanto pelo narrador de Quincas Borba, sucede uma figura a um só tempo mais nuançada e menos definida, construída com traços largos que abrem a possibilidade de que o leitor empírico do livro projete sobre ele suas próprias visões/interpretações do que está sendo narrado, completando-a a partir de sua própria posição no mundo, de modo que a interpretação pode

¹ GLEDSON, John. *Machado de Assis: impostura e realismo: uma reinterpretação de Dom Casmurro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 30.

variar radicalmente em função do gênero, nacionalidade ou posição de classe do freguês, como defende Roberto Schwarz em *Duas Meninas*. A permeabilidade do leitor figurado em *Dom Casmurro*, que eu chamo aqui de lacunar, certamente ajuda a entender o porquê de ser esse o romance que alimenta a polêmica mais duradoura já produzida por um texto literário no Brasil.

* * *

O narrador, que também é autor e personagem da história, desde o início chama nossa atenção para o aspecto lacunar do texto que temos diante de nós. Logo de saída, Dom Casmurro confessa a tentativa baldada de reconstruir no Engenho Novo a casa de Mata-cavalos, reconhecendo que na nova casa adornada com os mesmos medalhões e bustos de outrora, apesar de “chacarinha, flores, legume, uma casuarina, um poço e lavadouro (...) louça velha e mobília velha (...) falta eu mesmo, e esta lacuna é tudo”². Tanto na casa do Engenho Novo como no livro — dois lugares fundamentais para a recomposição do passado de Bento Santiago —, há desvãos a serem preenchidos. Cindido entre a vivência do passado, a memória e a tentativa de representação do passado no presente, o narrador a todo tempo reitera sua incompletude e a do seu relato.

Mas não é o narrador de *Dom Casmurro* que interessa aqui. Sua complexidade já foi esmiuçada pela melhor crítica machadiana, na qual se incluem os estudos de Helen Caldwell, John Gledson e Roberto Schwarz. O foco de interesse dirige-se aqui para o leitor ficcionalizado no romance, a quem o narrador Bento Santiago atribui a tarefa de recompor sentidos e preencher o que eventualmente possa faltar à narração: “É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas.”³ O leitor aparece, portanto,

² ASSIS, Machado de. *Obras Completas*, 3 vols. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. 1, p. 810.

³ Idem, p. 871.

como uma espécie de extensão complementar desse narrador, projetado como alguém também incompleto, cindido.

O aspecto lacunar do relato e do leitor atinge o paroxismo por meio da referência a um certo livro, que, estrategicamente citado no segundo capítulo e na última frase do romance, constitui espécie de moldura para a narrativa. A primeira menção ocorre no capítulo intitulado “Do Livro”, quando o narrador se põe a desfiar a lista de obras que pensou em escrever antes de se lançar à redação de *Dom Casmurro*. Relembrando, Bento Santiago cogitou uma obra de jurisprudência, depois filosofia, política e finalmente uma “História dos Subúrbios”. O que levaria esse narrador, sempre tão empenhado na concisão do relato e na economia de espaço, a gastar tempo e papel com cogitações sobre outros livros que não este que o leitor efetivamente tem nas mãos?

Ao sugerir que poderia se lançar à escrita de outras obras com a mesma desenvoltura e isenção, o narrador parece reivindicar uma posição de racionalidade. Com esse estratagema, ele procura minimizar seu envolvimento emocional com a história que está sendo contada, disfarçando o aspecto interessado do seu relato. Mas diante das tantas possibilidades aventadas, cabe perguntar: quem é esse sujeito que, sem ser filósofo, político ou historiador, cogita escrever sobre filosofia, política e história? Bacharel em Direito e com banca de advogado, Bento Santiago talvez tivesse credenciais para escrever sobre jurisprudência, ainda que essa seja tarefa geralmente reservada a membros dos tribunais superiores, e não a advogados. Seus devaneios, que não escondem um certo tédio diante das múltiplas possibilidades que ele tem a seus pés, são indicativos da sua posição de classe e também do ambiente cultural habitado por ele. Estamos nos domínios do bacharel e do letrado, da república das letras, onde não estão claras as distinções entre as esferas jurídicas, filosóficas e políticas. E é curioso observar que

Bento Santiago nem cogita a literatura, esfera na qual as memórias que ele efetivamente escreveu se enquadrariam melhor.

As cogitações do narrador, por outro lado, também podem ser entendidas como indiciadoras das expectativas do leitor – ou pelo menos de parte dos leitores – do ambiente intelectual do narrador Casmurro. Entre as obras aventadas, uma delas se destaca, por ser a única em que o narrador insiste e a única que traz um título, mesmo que provisório. Trata-se da “obra de maior tomo”⁴ cuja consecução fica adiada até a convocação que encerra o livro – “Vamos à ‘História dos Subúrbios’ ”.

Que obra seria essa para a qual *Dom Casmurro* é mera preterição e cujos leitores ele toma emprestado?

O modelo, segundo o narrador, está nas *Memórias para Servir à História do Reino do Brasil*, publicadas em 1825, de autoria de Luiz Gonçalves dos Santos (1767-1844), conhecido como Padre Perereca.⁵ Trata-se, segundo o prefaciador Noronha Santos, do “mais exato e minudente informe do Brasil de 1808 a 1821”. Com efeito, é um texto impregnado do estilo enciclopédico, muito praticado pelos letrados oitocentistas, que se inicia com a descrição exata das coordenadas geográficas da cidade do Rio de Janeiro, seguida da relação de cada uma das principais ruas da Corte assim como de suas posições relativas, ao que se segue o relato dos fatos ocorridos durante a estada de D. João VI e sua corte no Brasil.

A referência abstrusa mais uma vez parece servir à reivindicação de imparcialidade do narrador. Mas essa desproporção entre um livro que serviria para contar a história de todo um reino e um livro que se debruça sobre a história infeliz de um único indivíduo, além de chamar a atenção para “os ideais

⁴ Ibidem, p. 811.

⁵ SANTOS, Luiz Gonçalves dos. *Memórias para servir à História do Reino do Brasil* (2 volumes, com prefácio e notas de Noronha Santos). Rio de Janeiro: Editora Zélio Valverde, 1943.

de historiografia saudosista”⁶ que movem o personagem Dom Casmurro (e os seus leitores), sugere o contraste entre as funções da escrita nos dois textos, o prometido e o que efetivamente se está escrevendo. De um lado, o texto empenhado em mapear e construir a história do país, que responde ao impulso de Dom Casmurro para a “poetização do Brasil velho, da herança colonial”, como escreveu Roberto Schwarz, e de outro a história particularíssima de um indivíduo às voltas com seu passado e sua memória.

A promessa da escritura de um livro e a entrega de outro pode ser interpretada como um ardil, esse sim do escritor Machado de Assis, para sugerir a tensão latente entre duas demandas diferentes de literatura e pelo menos dois tipos de leitores. A história contada volta-se para uma instância de interlocução configurada como um hiato, uma lacuna, sugerindo, no mínimo, a dificuldade de se angariar interessados nesse tipo de relato. Referido como preenchedor de lacunas, o leitor de *Dom Casmurro* está diante de um texto que também se apresenta como uma imensa lacuna, já que ocupa o intervalo entre a manifestação da intenção e o anúncio da escrita da “verdadeira” obra, que seria a “História dos Subúrbios”. O romance, assim, dirige-se a um leitor que supostamente é o leitor de um outro livro, que não existe nem jamais vai existir. Dito de outra forma, é um livro dirigido a um leitor que não existe ou que se constitui ele próprio como lacuna ou como um anacronismo, que é um outro aspecto de seu caráter lacunar.

Ao deslocar a “História dos Subúrbios” para fora da narrativa, não estaria o escritor descartando também aquele tipo de literatura (e de leitor) que postula a missão da representatividade de uma identidade comum, seja por meio do mapeamento do espaço físico e dos tipos humanos do país, para afirmar um tipo de literatura que problematiza a possibilidade não só de representação coletiva, mas a

⁶ SCHWARZ, Roberto. *Duas Meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 22.

possibilidade mesma da comunicação entre dois, sejam eles marido e mulher, narrador e leitor, escritor e público?

No desencontro entre o prometido e o entregue, Machado de Assis parece inscrever o conflito entre seu projeto de literatura autônoma, moderna, centrada no indivíduo, no sentimento íntimo do país, e uma visão antiga, ainda presente entre os seus leitores, da literatura com algo indissociado da função de fazer o registro geográfico, contar a História e produzir os mitos nacionais.

Escrito em 1900, justamente na virada do século, momento em que o discurso literário ganha autonomia em relação ao discurso jurídico, filosófico, político e histórico (todos assuntos cogitados pelo bacharel Bento Santiago), *Dom Casmurro*, cuja ação se passa no final da década de 1850, pode ser lido como dramatização de um momento em que o papel representativo, descritivo e mapeador da literatura entra em declínio, mas continua em plena vigência entre o leitorado brasileiro.

Nesse sentido, a menção à obra do Padre Perereca serve de paradigma da narrativa anacrônica, que faz parte do horizonte de expectativas de um leitor também figurado como anacrônico. Anacronismo várias vezes sugerido pelo narrador ao afirmar rispidamente que “a audiência aqui não é das orelhas, senão da memória”⁷, afrontar o descritivismo e o apego à “reprodução fotográfica e servil das coisas mínimas e ignóbeis”, características não só da prosa antiga do padre Perereca mas também do realismo de inspiração naturalista, ainda em voga à época da publicação do romance e tão duramente criticado por Machado (nos célebres artigos sobre “O Primo Basílio”).

No plano empírico, o desencontro entre as expectativas do leitor contemporâneo à publicação de *Dom Casmurro* e aquilo que era oferecido pelo romance fica sugerido pelas reações da crítica ao livro. A resposta do crítico Frota Pessoa ao romance serve de exemplo:

⁷ ASSIS, Machado de. *Obra Completa*, 3 vols. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol. 1, p. 810.

O seu último livro, *Dom Casmurro*, é de concepção inferior. Expurgando-o das pequeninas observações que o recheiam, pedacinhos de vida e pedacinhos de alma, vistos como através de um buraco de fechadura, ele resume-se em mostrar como uma criança, licenciada por educação e talvez por atavismo, dará uma mulher adúltera. — E esta moralidade explícita lá está no livro: — *Uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca*. — Parece exagerado quatrocentas páginas para tão pouco.⁸

Há nas palavras do crítico a percepção da narrativa entrecortada, esgarçada e incompleta nas referências aos “pedacinhos de vida e alma”, assim como na parcialidade de uma visão pelo buraco da fechadura. E sua leitura pela cartilha do Naturalismo, que mandava arrancar de cada obra uma tese, dá a medida da discrepância entre o leitor implícito na obra e as expectativas dos leitores empíricos já na virada para o século 20.

A sensação de incompletude deixada pelo romance entre os contemporâneos de Machado fica sugerida também por um fato curioso relatado por Raymundo Magalhães Junior: “Pouco depois da publicação de *Dom Casmurro*, o jornal *A Tribuna*, de Alcindo Guanabara, abre um concurso destinado a completar o soneto que Bentinho Santiago, poeta improvisado, não conseguira levar a cabo.”⁹

Nada poderia ser mais eloquente da distância que separava o escritor dos seus contemporâneos, que lêem literalmente a convocação do narrador e se põem a completar o poema de Bento Santiago. E cabe notar que não são leitores quaisquer, mas críticos, leitores especializados e pares do escritor. E é essa distância, entre suas expectativas de leitor e os leitores de fato disponíveis para sua obra, que Machado parece cuidadosamente inscrever em cada um de seus romances. Em

⁸ FROTA PESSOA, José Getúlio da F. P.. *Crítica e Polemica*. Rio de Janeiro: Arthur Gurgulino, 1902, p. 66-67, *apud* MONTELLO, Josué. *Os Inimigos de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998. p. 40.

⁹ MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Vida e obra de Machado de Assis*, 4 vols. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. Vol. 4, p. 119.

Dom Casmurro, pela promessa não cumprida da “História dos Subúrbios”, que traz à tona as expectativas anacrônicas dos seus leitores possíveis, deslocados para fora do texto, remetidos para uma obra de inspiração francamente passadista.

Os constantes deslocamentos e desencontros, que estão o intervalo de tempo entre o narrado e a narração, nos muros que separam Bentinho e Capitu, nos muros que separam o narrador (e também o escritor) de seus potenciais leitores, estendem-se também às instâncias da interlocução. A tematização das possibilidades comunicacionais do romance e da precariedade dessa comunicação num mundo em que os sujeitos – sejam eles escritores, narradores ou leitores – se constroem em torno de falhas, de fissuras, de lacunas é um dos elementos da modernidade de *Dom Casmurro*. E a construção desse leitor de um outro livro, deslocado e descentrado, figura lacunar e proteiforme é um aspecto fundamental da modernidade de *Dom Casmurro* e, acredito, ajuda a explicar o desafio que esse romance ainda hoje representa para a crítica machadiana.